

## **Pessoas Surdas no Ensino Superior: percepções de estudante surdo, estudante surda e professoras ouvintes sobre o processo educacional**

Deaf People in Higher Education: perceptions of deaf students, deaf students and hearing teachers about the educational process

Polliana Barboza<sup>1</sup>

Ana Dorziat<sup>2</sup>

Fernando Tavares<sup>3</sup>

**Resumo:** Diferente de diversas abordagens clínicas sobre as pessoas surdas, os Estudos Surdos as compreendem como seres sócio-histórico-culturais que constroem suas perspectivas de mundo por meio das experiências visuais. A partir dessa visão, desenvolvemos uma pesquisa que teve como objetivo analisar as percepções de um estudante surdo, uma estudante surda e duas professoras ouvintes do curso de Licenciatura em Pedagogia sobre os processos educacionais desenvolvidos com as pessoas surdas. Esse estudo, realizado numa instituição de ensino superior privada, que adotava a política de educação inclusiva, pode ser caracterizado como de natureza qualitativo-descritiva. Por meio de entrevista com os participantes e as participantes da pesquisa, pudemos demarcar uma maior aproximação com suas experiências educativas, sempre as relacionando com o contexto pesquisado. Tomando como referência a análise de conteúdo, organizamos os dados em categorias, subcategorias e unidades de registro, enfatizando as convergências e divergências existentes nas transcrições das entrevistas. Os dados revelaram que o processo educacional do estudante surdo e da estudante surda estava condicionado à presença de intérprete de Libras, e, na sua ausência, às estratégias gesto-visuais de algumas professoras. Diante disso, entendemos que é necessária uma mudança nas concepções epistemológicas vigentes no âmbito educacional, na direção de superar visões padronizadas de ser humano, estabelecer uma política linguística que considere a relação indissociável entre língua e cultura e rediscutir a formação de professores, tomando a inclusão como fenômeno que envolve todo sistema educacional.

**Palavras-chave:** Ensino Superior; Estudantes Surdos/as; Processo Educacional.

**Abstract:** Unlike different clinical approaches to deaf people, Deaf Studies understand them as socio-historical-cultural beings who construct their perspectives on the world through visual experiences. From this view, we developed a research that aimed to analyze the perceptions of a deaf student, a deaf student and two hearing teachers in the Pedagogy Degree course on the educational processes developed with deaf people. This study, carried out in a private higher education institution, which adopted the inclusive education policy, can be characterized as qualitative-descriptive in nature. Through interviews with participants and research participants, we were able to demarcate a closer relationship with their educational experiences, always relating them to the researched context. Taking content analysis as a reference, we organized the data into categories, subcategories and record units, emphasizing the convergences and divergences existing in the interview transcripts. The data revealed that the educational process of the deaf student and the deaf student was conditioned to the presence of a Libras interpreter,

---

1 Faculdade Alpha. Mestre em Educação (UEPB/PB) e Mestre em Ciências da Educação (ULHT/PT). E-mail: pollianabarboza@hotmail.com

2 Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. Doutora em Educação (UFSCar/SP), com Pós-doutorado (UL/Portugal). E-mail: ana\_dorziat@hotmail.com

3 Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Mestrando em Ensino de Ciências pela UEPB. E-mail: fer-t9@hotmail.com

and, in their absence, to the gesture-visual strategies of some teachers. Therefore, we understand that a change in the epistemological conceptions in force in the educational field is necessary, in the direction of overcoming standardized views of the human being, establishing a linguistic policy that considers the inseparable relationship between language and culture and rediscussing the formation of teachers, taking inclusion as a phenomenon that involves the entire educational system.

**Keywords:** University Education; Deaf Students; Educational Process.

## **Iniciando a conversa**

Mesmo estando mais presentes nas Instituições de Ensino Superior - IES, alguns estudos (BISOL et al, 2010; DAROQUE; PADILHA, 2012; SANTANA, 2016; SILVA, 2018; ZILLOTTO; SOUZA; ANDRADE, 2018) apontam que os estudantes surdos e as estudantes surdas ainda vêm enfrentando dificuldades para sua permanência nas IES. Esses estudos apontam, ainda, que as dificuldades estão relacionadas, principalmente, a: falta de uma política linguística e estratégias de ensino que valorizem as diferenças, cultura e identidade surdas.

A partir dessa constatação, buscamos analisar as percepções de um estudante surdo, uma estudante surda e duas professoras ouvintes do curso de Licenciatura em Pedagogia sobre os processos educacionais desenvolvidos com as pessoas surdas. Consideramos importante ouvir dois lados da relação pedagógica (discente e docente) e duas perspectivas de mundo (surdo e ouvinte). A base teórica de análise se ancorou nos pressupostos dos Estudos Surdos, como: Dorziat, Lima e Araújo (2007); Perlin (2016), Skliar (2016); Strobel (2016) e Barboza e Dorziat (2019), que fazem a ponte com os conceitos dos Estudos Culturais, para entender os processos decorrentes da cultura, da identidade e da língua surdas.

Neste contexto, partimos da problematização das concepções elitistas de cultura e das ideias de identidade como algo fixo, imóvel e essencializado. Esse movimento das margens para o centro exigiu que assumíssemos nossa natureza cambiante, diversificada e inquieta, a partir da visão pós-estruturalista que tem por preocupação não apenas compreender o mundo, mais principalmente modificá-lo (SOUZA; SOUZA, 2012).

Para entender as pessoas surdas nesse campo de discussão, é preciso, antes de tudo, superar a visão de deficiência auditiva, calcada numa visão puramente clínica de desenvolvimento humano, que definiu a elaboração das estratégias de ensino por um longo período da história, para criar novas formas que enfatizassem suas potencialidades.

A relevância deste estudo pode ser definida como a possibilidade de, na análise das percepções sobre os processos educacionais direcionados à educação de pessoas surdas, buscarmos elementos nos dados decorrentes das entrevistas passíveis de problematização e reflexão sobre saberes em favor de uma educação que contemple as diferenças na sua integralidade.

Partimos do pressuposto de que, assim como os estudantes surdos e as estudantes surdas podem enfrentar situações de dificuldades no Ensino Superior, as pessoas ouvintes também podem sentir o mesmo, devido à padronização de um ensino que não considera as diferentes formas de apreensão de saberes dos considerados “normais”.

Sendo assim, embora tenhamos a consciência de que é preciso fortalecer a visão de que a política das diferenças deve ser implementada nos ambientes acadêmicos como um todo, optamos por considerar,

neste estudo, apenas o grupo de estudantes surdos e estudantes surdas, estipulando a seguinte questão de pesquisa: quais as percepções de estudantes surdos e surdas e professoras ouvintes sobre o processo educacional direcionado a pessoas surdas no curso de Licenciatura em Pedagogia?

Para dar base à problemática que envolve o fenômeno e a questão de pesquisa, tivemos como objetivo geral: analisar as percepções de um estudante surdo, uma estudante surda e duas professoras ouvintes do curso de Licenciatura em Pedagogia, referentes ao processo educacional das pessoas surdas. De acordo com Silva (2018, p. 16):

Esse processo abrange elementos teóricos e práticos, como os métodos de ensino, as estratégias, os processos de aprendizagem, a avaliação, a língua, a cultura, a identidade, a diferença, a comunicação, a relação entre os envolvidos, dentre outros, sendo determinados pelos fatores pedagógicos, sociais e políticos.

Neste sentido, compreendemos o processo educacional como um processo mais abrangente, indo além do ensinar e aprender, haja vista que envolve, além de relações institucionais e do trabalho pedagógico em si, o debate sobre inclusão, identidade, cultura, linguagem, o qual não pode ser apartado dos (pre) conceitos, valores e interações, presentes na formação educacional humana.

Como objetivos específicos, estipulamos: problematizar as práticas de sala de aula relatadas pelas professoras junto aos estudantes surdos e às estudantes surdas; comparar as percepções de surdos (discentes) e ouvintes (docentes) sobre o processo educacional das pessoas surdas no Ensino Superior.

Em termos de estruturação, o presente texto encontra-se organizado em quatro pontos: o primeiro ponto busca, ao trazer a perspectiva dos Estudos Culturais, relacioná-la aos Estudos Surdos, fortalecendo a ideia de que as pessoas surdas fazem parte de uma minoria linguística; o segundo, visou realizar um levantamento sobre as pessoas surdas no Ensino Superior, abordando algumas discussões de trabalhos já realizados acerca do fenômeno em foco; o terceiro, apresenta a metodologia utilizada, os caminhos percorridos e os sujeitos da pesquisa; e o quarto ponto contém a discussão dos resultados, com base nas entrevistas realizadas em diálogo com as ideias de autores e autoras presentes na fundamentação teórica.

## **Perspectivas sobre as pessoas surdas: uma aproximação entre os Estudos Culturais e os Estudos Surdos**

Os Estudos Culturais (EC) surgem no contexto de movimentação de grupos sociais e ancoram suas ideias no rompimento com concepções elitistas de cultura, buscando desfazer os binarismos advindos de contextos conservadores e positivistas.

Nessa direção, os EC compõem um novo campo de conhecimentos, apresentando o cruzamento de fronteiras, problemas, hibridização de diversas e diferentes questões e temáticas, um campo contingencial e de incertezas, questionando e contestando a cultura hegemônica (COSTA, 2011). Assim sendo, para além da visão da maioria, os EC reivindicam o direito de as minorias ocuparem lugares de protagonismo, desarticulando visões simplistas de grupos como o encontro de pessoas iguais.

Segundo Hall (1992), essa superação de visões cristalizadas exige, antes de tudo, uma mudança de olhar sobre os EC. Não há apenas uma vertente denominada EC, mas sua constituição é permeada por múltiplos discursos, dependendo do espaço-tempo de sua análise e das histórias e formações que envolvem

as pessoas. Desse modo, os EC se apresentam como um projeto político de oposição, cuja movimentação ideológica adquiriu várias nuances.

Para reforçar essa ideia, Costa (2011, p. 108) afirma que os EC acontecem:

Em meio às movimentações de certos grupos sociais que buscam se apropriar de instrumentais, de ferramentas conceituais, de saberes que emergem de suas leituras do mundo, repudiando aqueles que se interpõem, ao longo dos séculos, aos anseios por uma cultura pautada por oportunidades democráticas, assentada na educação de livre acesso. Uma educação em que as pessoas comuns, o povo, pudessem ter seus saberes valorizados e seus interesses contemplados.

Nessa direção, os EC instigam o pensamento sobre a descolonização do conceito de cultura, como modos de vida e produções incessantes de artefatos culturais.

As reflexões suscitadas por esse pensamento têm produzido novos objetos de estudo, possibilitando também aos pesquisadores e às pesquisadoras repensarem antigos objetos, implicando, envolvendo cada um e cada uma como parte da pesquisa. O interesse pelo objeto de estudo, assim, é parte indissociável de suas experiências, de seus interesses, de suas inquietações. Nesse sentido, Corazza (2007, p. 124) reforça que:

[...] cada prática de pesquisa é uma linguagem, um discurso, uma prática discursiva, que sempre está assinalada pela formação histórica em que foi construída. Formação histórica esta que marca o lugar discursivo de onde saímos; de onde falamos e pensamos; também de onde somos faladas/os e pensadas/os; de onde descrevemos e classificamos (as) realidade(s).

De acordo com essa ideia, portanto, o pesquisador e a pesquisadora estão intrinsecamente envolvidos com o objeto de pesquisa, haja vista que ele e ela fazem e têm implicações com a realidade pesquisada, desde as inquietações iniciais até a definição do problema. Sobre isso, Corazza (2007, p. 119) afirma que o problema de pesquisa “[...] nasce desses atos de rebeldia e insubmissão, das pequenas revoltas com o instituído e aceito, do desassossego em face das verdades tramadas, e onde nos tramaram”.

Essa abordagem tem contribuído para dar visibilidade a vários grupos, desmistificando as ideias de homogeneidade grupal. Ao questionar a igualdade como algo benéfico, desenvolve um olhar mais realista, reconhecendo as diferenças como constituintes dos processos humanos e sociais. Assim, foram desenvolvidos vários estudos, sobretudo de gênero e raça. No tocante à particularidade surda, esse tema foi mesclado aos de gênero e raça por Martins (2008), Pereira e Pereira (2013), Lamberg e Oliveira (2017) e Miranda (2019).

Os Estudos Surdos se detiveram nos movimentos surdos organizados, incluindo-se no “guarda-chuva” epistemológico dos EC, ao focar nas questões de cultura e de identidade, advogando a causa da política da diferença. Nessa perspectiva, a concepção deixa de ser a de deficiência e limitação para ser de afirmação de um grupo com cultura, língua e identidades próprias (SOUZA, SOUZA, 2012, p. 4).

Embora reconheçam que não há “o surdo” essencializado, que essas pessoas se construíram de diferentes formas e em diferentes situações, há a necessidade urgente de, assim como outros grupos minoritários, as pessoas surdas reforçarem a ideia de identidade contingencial surda, aquela que pode promover a quebra da hegemonia ouvinte sobre os surdos. Skliar (2016) denuncia essa hegemonia, denominando-a de ouvintismo e descrevendo-a como um conjunto de representações ouvintes que são impostas às pessoas surdas. A superação dessa condição de subalternidade, que gera situações de relação de poder desigual e colonialista, é que pode estabelecer diretrizes de enfrentamento da situação de menos valia das pessoas surdas na sociedade.

Como parte integrante dessa sociedade, as universidades têm contribuído para essa hegemonia, ao apresentarem uma estrutura voltada para atender à normalidade, no caso particular à normalidade ouvinte, ou melhor, a parcela ouvinte que pretende estabelecer formas hegemônicas de ser e estar no mundo. Diante desse fato, as pessoas surdas, assim como as pertencentes a outros grupos sociais, continuam subalternizadas. Mesmo na atual conjuntura em que a inclusão é propalada, Bisol et al (2010) evidenciam que as escolas apresentam dificuldades em proporcionar aos estudantes surdos e às estudantes surdas condições para que construam os conhecimentos em patamares semelhantes aos dos ouvintes. Não é levado em consideração que uma parte considerável das pessoas surdas tem a visualidade como sua principal forma de contato com o mundo, e que, por isso, devem ser incluídos no processo educacional artefatos próprios dessa comunidade, em especial a língua de sinais.

Para entendermos a constituição e importância dessa língua, é preciso nos desvencilharmos da ideia de que ela é a ordenação de signos correspondentes à língua majoritária (como, por exemplo, o Braille). Essa desconstrução é ponto de partida para a tomada de consciência de que a língua de sinais é uma língua de fato, com todas as possibilidades lexicais, sintáticas, morfológicas e semânticas, e sua constituição é produto do compartilhamento de saberes e vivências das pessoas surdas. Para Sá (2006, p. 9), a língua de sinais se refere “aos códigos próprios dos surdos, suas formas de organização, de solidariedade, de linguagem, de juízos de valor, de arte, etc.”

Nessa perspectiva, podemos considerar que as pessoas surdas são aquelas que “desenvolveram ao longo de suas vidas estratégias visuais-gestuais de apreensão e de expressão de mundo, constituindo o que se passou a denominar de cultura surda” (DORZIAT; LIMA; ARAÚJO, 2007, p. 17).

O entendimento sobre a importância do fator linguagem para a constituição humana pode desnudar outras concepções de surdez, em direção a visões mais sócio antropológicas do fenômeno com foco numa identidade, que envolve cultura e diferença. Essa discussão sobre identidade permite problematizarmos a ótica essencialista de identidade surda, em geral patológica, deficiente; vislumbrando a existência de um povo, com língua própria, mas constituído de pessoas com diferentes formas de ser e estar no mundo, que apresentam marcas de classe, gênero, raça, religião etc. De acordo com Perlin (2016, p. 53) “ao focalizar a representação da identidade surda em Estudos Culturais, tenho de me afastar do conceito de corpo danificado para chegar a uma representação da alteridade cultural que simplesmente vai indicar a identidade surda”.

A identidade surda é “construída por papéis sociais diferentes (pode-se ser surdo, rico, heterossexual, branco, professor, pai, etc.) e também pela língua que constrói nossa subjetividade” (SANTANA; BERGAMO, 2005, p. 568). Portanto, não existe uma identidade surda apenas, mas identidades. Assim como as demais, a pessoa surda é um mosaico, dotada de diferentes capacidades e potencialidades, assumindo posturas diferentes no emaranhado tecido social.

Por isso, “quando se trata de inclusão, a valorização da língua de sinais para os surdos é questão essencial, como possibilidade de igualdade de condições de desenvolvimento entre as pessoas” (DORZIAT, ARAÚJO e SOARES, 2011, p. 27).

Isso quer dizer que a língua de sinais é a porta de entrada para que os processos educacionais contemplem a cultura e as identidades surdas. Língua essa, inclusive já reconhecida como tal na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002: “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de

natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, p. 1).

Diante desse contexto teórico e legal, é necessário estarmos atentos às formas como a Libras está sendo utilizada nas instituições educacionais, quais práticas pedagógicas estão sendo desenvolvidas com vistas a promover, favorecer e estimular as potencialidades das pessoas surdas.

Pensando nas diferenças como possibilidades de desenvolvimento humano é que a universidade precisa considerar e oportunizar aprendizagens para todas as pessoas envolvidas, entre elas as surdas, com base no currículo para as diferenças. Este, segundo Dorziat (2010), deve realizar reflexão rigorosa sobre os conhecimentos e focar no desenvolvimento de outros e diferentes pensares, percepções e experiências. A inclusão das pessoas surdas no Ensino Superior passa, portanto, pelo reconhecimento nas práticas educacionais de suas diferenças e pela compreensão e necessidades desse grupo.

### **Estudantes surdos e surdas no ensino superior: alguns apontamentos**

Discussões e pesquisas sobre a educação de surdos vêm sendo realizadas com o objetivo de compreender o processo educacional desses estudantes no Ensino Superior.

Uma delas foi a pesquisa desenvolvida por Bisol et al. (2010), com o objetivo de compreender a vivência universitária de estudantes surdos de curso de graduação de uma instituição de ensino superior do Sul do Brasil. Os resultados dessa pesquisa apontaram os desafios que os estudantes surdos enfrentam ao estudarem num ambiente universitário organizado para as pessoas ouvintes, “o primeiro deles diz respeito à identidade surda: estar em um ambiente onde a surdez e a comunicação visual não são a regra exige muito desses jovens” (BISOL et al., 2010, p. 169). Outra dificuldade encontrada, segundo as referidas autoras, foi a relação entre a leitura e a escrita, pois não eram oferecidas aos estudantes surdos e surdas as condições necessárias à aquisição da língua portuguesa.

Daroque e Padilha (2012) realizaram pesquisa sobre estudantes surdos e surdas no Ensino Superior, com o objetivo de “analisar os dizeres de alunos surdos e seus professores universitários a fim de compreender os percalços e desafios enfrentados por eles nessas instituições de ensino e suas expectativas em relação a condições favorecedoras para seus estudos na graduação” (p. 23). Os achados da pesquisa revelaram que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes surdos e surdas no Ensino Superior estavam atreladas às lacunas deixadas no processo educacional da Educação Básica, que secundarizou a necessidade de apropriação de uma língua de reflexão, por parte das pessoas surdas. Desse modo, “faltam-lhes conteúdos prévios importantes por conta de obstáculos para a comunicação eficaz em língua de sinais e há o desconhecimento de instituições de ensino e de profissionais quanto às especificidades de sua educação” (DAROQUE; PADILHA, 2012, p. 30).

Quanto à investigação de Silva (2018) sobre o processo educacional de surdos no âmbito do Ensino Superior, esta teve como objetivo “analisar as narrativas de docentes, no tocante ao processo educacional de estudantes surdos universitários de uma instituição de ensino médio, técnico, tecnológico e superior” (p. 21). Essa pesquisa mostrou que as práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula estavam, em sua maioria, baseadas na cultura ouvinte, desconsiderando as diferenças surdas no processo educacional.

A pesquisa de Santana (2016) sobre a inclusão de estudantes surdos e surdas no Brasil teve por objetivo “discutir as condições de permanência dos universitários surdos a partir da visão de estudantes e professores” (p. 86). Esse estudo evidenciou que estudantes surdos e surdas enfrentavam dificuldades relacionadas à didática de professores, às produções textuais e interpretações. Já os alunos e alunas da graduação em Letras-Libras não sentiam essa dificuldade relacionada à didática de professores, pois as aulas e avaliações eram realizadas em Libras, o que não impedia que esses tivessem dificuldades na leitura de textos em português. Os estudantes surdos e surdas afirmaram que professores e professoras não estavam preparados para atender essa parcela de pessoas. Os professores e as professoras, por sua vez, afirmaram que não tinham dificuldade para atender as pessoas surdas, embora não tivessem recebido formação para tal.

O estudo desenvolvido por Ziliotto, Souza e Andrade (2018) sobre a evasão de estudantes surdos no ensino superior teve como objetivo analisar “a evasão de alunos surdos em instituição de ensino superior privada, a partir da pesquisa documental do período de 2000 a 2013 por meio de estatística descritiva” (p. 727). Os resultados da pesquisa revelaram que a evasão ocorria nos dois primeiros semestres do curso, podendo este fator ser um indicativo de que as dificuldades desses estudantes estavam presentes desde o início de suas trajetórias acadêmicas.

Os estudos anteriormente apresentados mostraram que as pessoas surdas vêm enfrentando dificuldades de diversas ordens nas universidades. Dificuldades essas que podem ser resumidas na desconsideração da cultura surda, das identidades surdas, da língua de sinais, da necessidade de desenvolver atividades diferenciadas de leitura e escrita. Eles dão uma ideia de que os processos de inserção das pessoas surdas no Ensino Superior têm acontecido sem uma mudança efetiva nas práticas pedagógicas em prol dessa população.

### Os caminhos da pesquisa

Definimos a pesquisa como qualitativo-descritiva, nos ancorando em Chizzotti (2011, p. 28), para quem esse tipo de pesquisa “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível”. Sendo assim, a pesquisa qualitativa nos possibilitou o contato mais próximo com os sujeitos, com as experiências de cada um/a, com o cotidiano e o campo de pesquisa. A pesquisa descritiva, de acordo com Gil (2008, p. 28), “[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis”.

A técnica utilizada foi a entrevista com um estudante surdo (Sávio)<sup>4</sup>, uma estudante surda (Sarah) e duas professoras ouvintes (Paula e Priscilla), do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma instituição de ensino superior privada. O critério de escolha de participantes surdos da pesquisa foi serem alunos surdos e/ou alunas surdas e terem assiduidade no curso de graduação em Pedagogia na instituição pesquisada. Constatamos que o participante e a participante discentes eram as únicas pessoas surdas da instituição e eram também concluintes do curso. Quanto às professoras, os critérios foram terem pessoas surdas em sua sala e se disporem a participar da pesquisa. As entrevistas com as pessoas ouvintes foram realizadas com gravação em áudio e com as surdas foram realizadas através da mediação de um intérprete de Libras e gravação em vídeo.

---

4 O participante e as participantes da pesquisa receberam nomes fictícios.

Para analisar os dados, utilizamos a análise de conteúdo, que corresponde a um conjunto de técnicas de tratamento das informações, objetivando a descrição e a interpretação dos dados. Para tanto, organizamos inicialmente o material coletado nas entrevistas, realizando as transcrições dos conteúdos obtidos. Após uma leitura exaustiva dos dados, elegemos das falas dos entrevistados as questões linguísticas, de relacionamento e pedagógicas, como categorias. Por fim, analisamos os conteúdos distribuídos nas categorias, tecendo inferências e interpretações, em articulação dos dados empíricos com o referencial teórico dos Estudos Culturais e Estudos Surdos.

## **Resultados e discussão**

Os resultados e discussão serão apresentados em três momentos: Participantes da pesquisa, Percepções do estudante surdo e da estudante surda sobre o processo educacional, Percepções das professoras sobre o processo educacional com estudantes surdos e surdas e comparando as percepções do participante e das participantes da pesquisa.

### **Participantes da pesquisa**

O participante e as participantes da pesquisa foram os seguintes:

**Sávio:** estudante surdo, tinha 32 (trinta e dois) anos de idade. Expressou gostar de estudar, estar entre os amigos, jogar futebol e viajar. Gosta da proposta da inclusão e lutou pelo direito ao intérprete dentro da IES, junto com Sarah. Ele estava no oitavo período, o que correspondia ao último semestre do curso.

**Sarah:** estudante surda, tinha 33 (trinta e três) anos. Disse gostar muito de estudar e das interações decorrentes da inclusão, porque, para ela, era normal viver na inclusão. A presença do intérprete de Libras foi uma decorrência de sua solicitação persistente. Ela estava no curso de Pedagogia havia 4 (quatro) anos, ou seja, ela também estava no último semestre do curso.

**Paula:** professora ouvinte, tinha 42 anos e se considerava acessível, extrovertida e de fácil amizade. Atuava no Ensino Superior em torno de 10 a 15 anos e, na oportunidade, lecionava os componentes curriculares: Estágio II e III e Gestão Escolar. Ela mencionou que teve uma experiência com um estudante surdo na Educação Básica.

**Priscilla:** professora ouvinte, tinha 28 anos e gostava de ajudar as pessoas, de compartilhar o que sabia com elas, de aprender com cada uma que convivia nos encontros casuais e no trabalho. Como professora, gostava de planejar as aulas com antecedência. Atuava no Ensino Superior havia 3 (três) anos e lecionava o componente curricular de Didática e Letramento Infantil. Ela ressaltou que já tinha experiências com estudantes surdos na Educação Básica.

### **Percepções do estudante surdo e da estudante surda sobre o processo educacional**

Apresentamos, no quadro a seguir, os resultados obtidos através das entrevistas com um estudante surdo e uma estudante surda que frequentam o curso de Licenciatura em Pedagogia. As categorias e

subcategorias foram definidas *a posteriori*, apreendidas das falas do participante e das participantes. Portanto, o processo educacional foi delineado pelo participante e pelas participantes de forma livre.

**Quadro 1.** Percepções do estudante surdo e da estudante surda sobre questões que envolvem o processo educacional

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Estudante surdo/a</b>	<b>Unidade de registro</b>
<b>Sobre a questão linguística</b>	Aprendizagem da Libras	Sávio	“Eu aprendi Libras com 10 anos [...] comecei a frequentar um grupo de surdos, lá comecei a observá-los [...] a interagir e aprender aos poucos a língua de sinais”.
		Sarah	“Eu aprendi em [nome da cidade] e já tinha 20 anos mais ou menos”.
	Modalidades da comunicação	Sávio	“Aqui o professor não liga muito com o aluno, apenas o que entendemos realizamos as atividades e repassamos para ele. Bom, eu consigo me comunicar com ela [...] mas quando a comunicação dele vem até mim há uma barreira, precisa chamar o intérprete, aí sim a comunicação acontece”.
		Sarah	“Uso mais gestos. Através de gestos, às vezes Libras ou então mostro as atividades aos professores [...] bilhetes, com a ajuda do intérprete”.
<b>Sobre a questão do relacionamento</b>	Dos/as estudantes surdos/as com o intérprete	Sávio	“Eu e o intérprete, nós temos um relacionamento bom [...] eu sou inteligente, ele também, então trocamos muitas informações. Eu passo para ele e ele também me ajuda em alguns sinais. Eu também o ajudo: quando ele sinaliza algum sinal errado eu o corrijo”.
		Sarah	“Boa, ótima”.
<b>Sobre as questões pedagógicas</b>	Desempenho em sala de aula	Sávio	“Já gostava de realizar as atividades, fazer pesquisas no computador. Os professores falam: - Nossa! Excelente trabalho! Perguntam: - você estuda na (nome da Universidade Federal). Eu digo: - sim. [...] Precisamos prestar atenção nas aulas, se estamos com sono, temos que tomar um cafezinho [...] O professor explica e o intérprete traduz”.
		Sarah	“Bom, antes do intérprete não havia interação dos surdos com professores. Depois chegou o intérprete, começou a ter”.
	Prática pedagógica	Sávio	“Em minha opinião o professor precisa trabalhar com palestras, abordar temas que interessem aos alunos para que eles fiquem atentos, tanto os ouvintes quanto os surdos. Não pode ser só cópias do quadro”.
		Sarah	“Para desenvolver uma boa prática pedagógica, o professor precisa aprender Libras. É importante”.

Fonte: Sujeitos da pesquisa

Na categoria *sobre a questão linguística, subcategoria aprendizagem da Libras*, percebemos que o estudante surdo e a estudante surda aprenderam Libras na cidade onde moravam, porém, as idades em que ele e ela aprenderam divergem bastante. Mesmo parecendo apresentar ainda algumas limitações no uso da Libras, ambos parecem ter buscado assegurar a sua primeira língua, como um direito, conforme regulamentado na lei nº 10.436 de 2002, que apresenta a Libras como sendo “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual- motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de Pessoas Surdas do Brasil” (BRASIL, 2002, p. 1). Esse direito à língua de sinais, no entanto, embora assegurado pela presença do intérprete, não é explorado como deveria, como fica claro na subcategoria, *modalidades de comunicação*. O estudante surdo e, principalmente, a estudante surda utilizam com frequência gestos e outros artifícios comunicativos.

Na categoria *sobre a questão do relacionamento, subcategoria dos/as estudantes surdos/as com o intérprete*, fica clara a dependência total do estudante surdo e da estudante surda do intérprete, inclusive para se relacionar com as professoras. Esse relacionamento parece ser sua base de sustentação quanto aos processos desenvolvidos em sala de aula.

Estes registros corroboram o que dizem Bisol et al. (2010), ao constatar que a presença do intérprete de Libras é condição fundamental para que a comunicação aconteça, pois, sem eles, o ambiente universitário seria totalmente inacessível às pessoas surdas. Nas palavras do autor, “o intérprete assume seu papel de mediador, aquele que “portará a voz” de um para outro. Sem a presença do intérprete a comunicação se interrompe, embora eventualmente possa haver recursos compensatórios” (BISOL, et al, 2010, p. 161) . Estes recursos seriam usados para viabilizar a comunicação e seriam: a escrita em português, os recursos visuais, os gestos espontâneos e a leitura labial.

Na categoria *sobre as questões pedagógicas*, percebemos que o estudante surdo e a estudante surda não fazem menção às estratégias utilizadas pelas professoras, mas buscam mostrar seu desempenho, apresentando suas habilidades, no caso de Sávio, e, mais uma vez, atrelando o bom desempenho à presença do intérprete, no caso de Sarah. Ele e ela contemplaram também a prática pedagógica, indicando formas mais adequadas de as professoras desenvolverem as atividades com as pessoas surdas, quais sejam: interações através da Libras e trabalho com palestras e temas que interessem a todos os alunos e alunas – surdos e ouvintes.

Foi notável a constatação de que o processo educacional desses/as estudantes surdos/as no ambiente universitário em tela não contempla a Libras nas suas diversas possibilidades educativas, nem a cultura e identidade surdas. Estes dados mostram que é preciso ir além no tocante à educação de pessoas surdas, como diz Silva (2018, p. 113): “é imprescindível que o processo educacional de pessoas surdas aconteça em ambientes universitários em que as identidades surdas se construam, onde os diálogos com os/as surdos/as aconteçam em língua de sinais, onde predomine o currículo para as diferenças”.

### **Percepções das professoras sobre o processo educacional com estudantes surdos e surdas**

Apresentamos a seguir os resultados das entrevistas com as professoras que lecionavam no curso de Licenciatura em Pedagogia e que tinham um estudante surdo e uma estudante surda em sua sala. Elas expuseram suas percepções sobre o processo educacional da seguinte forma:

**Quadro 2.** Percepções das professoras sobre questões que envolvem o processo educacional

<b>Categoria</b>	<b>Subcategoria</b>	<b>Professora</b>	<b>Unidade de registro</b>
<b>Sobre a questão linguística</b>	Aprendizagem da Libras	Paula	“Não fiz ainda o curso de Libras, mas estou bastante interessada. Trabalhei numa escola durante três anos que tinha uma sala de especiais de surdo – mudo e a professora de lá dava umas dicas ao nosso grupo [...] Então, eu já sei algumas coisas, pouquinho, bem básica, mas eu acho muito interessante [...] Estou com vontade de fazer agora”.
		Priscilla	“Eu fiz curso de Libras em contexto, um curso que teve duração de 2 (dois) anos. Nesse curso nós aprendemos a teoria da Língua Brasileira de Sinais, o principal, nós aprendemos um pouco da língua das pessoas surdas [...] nós tivemos vários conteúdos ligados a Libras, juntamente com muita prática. Durante o curso, conhecemos muitos surdos, tanto homens quanto mulheres, e nós passamos a dialogar, tendo um contato mais próximo com essas pessoas”.
	Modalidades de comunicação	Paula	“Alguma noção eu tenho, é bem básico, um bom dia, um olá, perguntar nomes, porque as letras algumas eu já sei fazer também e tem que ter o auxílio de alguém com certeza”.
			“É muito complicado”.
		Priscilla	“Tem que ter alguém com certeza para auxiliar, no caso feito essa sala da gente que tem 1 (um) intérprete e 3 (três) estudantes surdos, tem que ter realmente porque a gente fala acelerado para dar aula”.
			“Os gestos assim, a gente sabe o básico mesmo [...] Então não tem como não. Tem que ter alguém para nos ajudar”.
<b>Sobre a questão do relacionamento</b>	Entre estudantes surdos/as e professoras	Paula	“Muito bom e muito amigável. Uma das alunas, ela é professora lá da instituição, ela dá aula de Libras lá e eu disse a ela que aqui eu sou professora dela e lá ela vai ser minha professora. Então, ela começou rir. Isso foi hoje [...] Então, super bem, sem problema algum. Tento ser bastante clara, tento ser o máximo que posso”.
		Priscilla	“Nós conversamos bastante sobre a temática, os acontecimentos que vêm perdurando no âmbito nacional, municipal e estadual. Então, é uma relação de amizade, é uma relação de respeito, um buscando aprender com o outro. [...] eles são muito carinhosos e muito amigos”.
	Dos/as estudantes surdos/as e professoras com o intérprete	Paula	“Muito boa. Da melhor maneira possível. Às vezes, até outros assuntos que eu quero dizer para os alunos em Libras, que eu não sei, eu já o chamo para me auxiliar. A gente se dá super bem”.
		Priscilla	“É a melhor possível. Ele é um profissional muito atento, muito aberto, dá sugestões para as aulas [...] é uma pessoa que realmente vejo como parceiro dentro da sala de aula. É uma pessoa totalmente capacitada”.

Sobre as questões pedagógicas	Estratégias utilizadas pelas professoras em sala de aula	Paula	“A estratégia que a gente usa, na verdade, é geral para os alunos. Eles vão falar na linguagem deles e o intérprete vai passar para a gente [...] A estratégia vai ser normal como fazemos com os alunos normais até porque eles não são diferentes, eles são normais. Apenas não falam [...] Nas minhas aulas eu utilizo slides e também vídeos”.
		Priscilla	“Utilizo algumas estratégias como, por exemplo, apresentação dos conteúdos de forma mais visual. Procuo que eles fiquem sentados à frente para que o intérprete possa interpretar tudo o que eu esteja apresentando a turma [...] pergunto sempre se eles entenderam. Se tiverem alguma dúvida levantam a mão, [...] aí eles começam a se expressar em Libras e o intérprete fala para a turma e para mim. Outra estratégia utilizada são os trabalhos em grupo [...] procuro sempre misturá-los para que não fique só um grupo de surdos, mas proporcionar o contato também com os ouvintes”. “Utilizo também rodas de conversas, debates, filmes que tenham legendas”.
	Percepções de estudantes surdos/as e professoras	Paula	“Vendo agora acho que eles estão se adequando [...] eles nunca reclamaram nada”.
		Priscilla	“Os alunos surdos, eles de antemão reagem bem, em minha opinião [...] eu preciso aprender mais a Língua Brasileira de Sinais para poder alcançar uma comunicação plena com eles [...] E eles reclamam muito que os professores não sabem se comunicar com eles [...] Muitas vezes também eu, por saber pouco a língua de sinais também não consigo me comunicar muito”.

Fonte: Sujeitos da Pesquisa.

Referindo-se às professoras, na categoria *sobre a questão linguística*, subcategoria *aprendizagem da Libras*, é notável o fato de que apenas Priscilla conhecia a Libras, tendo feito um curso com duração de 2 (dois) anos. Referindo-se à subcategoria, *modalidades de comunicação*, constatamos que a professora Paula se comunicava com os/as estudantes surdos/as através do intérprete de Libras e também de gestos. Já Priscilla afirma utilizar a Libras juntamente com o auxílio do intérprete e também através de metodologias que trazem o visual como ferramenta para a comunicação.

Esses dados nos permitem realizar duas reflexões: primeiro, a de que o conhecimento da Libras, embora seja importante, não assegura a utilização de estratégias educativas que considerem, realmente, as diferenças em torno da cultura visual das pessoas surdas; e segundo, a de que não podemos ver as práticas pedagógicas sobre as diferenças como algo isolado, mas como uma mudança de concepção que envolva todos/as os/as alunos/as da turma, afinal, em alguma medida, as pessoas se diferem umas das outras.

Quanto aos/às alunos/as surdos/as, especificamente, esses resultados corroboram o que afirma Daroque (2011, p. 42):

É necessária a adequação das instituições de ensino superior visando adaptação social dos alunos surdos, o que implica na atenção às necessidades específicas quanto aos projetos político pedagógicos, adequação dos currículos e da metodologia, bem como cuidado especial com a formação de professores.

Neste contexto, urge que sejam efetivadas ações no âmbito universitário, que possibilitem quebrar as barreiras que promovem a exclusão: o parâmetro da igualdade como uma uniformização procedimental originário da visão de sujeito uno. Essa visão vem dificultando a permanência de muitas pessoas no ambiente

escolar, sobretudo os que apresentam diferenças que precisam ser agrupadas de forma contingencial, para que sejam respeitadas suas formas de ser e estar no mundo. No caso de estudantes surdos e surdas, ao considerar sua diferença visual, é possível incluir as particularidades de tais alunos e alunas no processo educacional, diminuindo suas inúmeras dificuldades de permanecerem no Ensino Superior.

Com isso, em consonância com a visão presente nos Estudos Culturais, que enfatiza a importância de considerarmos as identidades fluidas, cambiantes e móveis (HALL, 2011), dá-se um passo importante para se exercitar as múltiplas diferenças presentes na sala de aula, além da surda, rumo à adoção de um currículo para as diferenças. Este currículo parte do entendimento de que os conhecimentos estão atrelados às experiências e vivências de cada sujeito aprendente, superando a ideia homogeneizante de conhecimentos padronizados, neutros e imparciais (LOPES; MACEDO, 2002).

Na categoria *sobre a questão do relacionamento*, percebemos que a *relação entre estudantes surdos/as e as professoras* é amigável, e que o intérprete tem papel fundamental nessa relação. A relação professor-aluno é de fundamental importância no processo educacional por proporcionar um aprendizado mais significativo e eficiente. Ao se relacionar com os alunos e as alunas, o professor e a professora podem desenvolver habilidades didáticas que os/as aproximem dos conhecimentos, motivando-os/as e dando sentido ao que, de início, poderia ser um amontoado de informações. O processo educacional é, assim, construído durante a troca de experiências e saberes entre estudantes e professores e professoras, num ambiente em que haja condições de se exercer a autonomia, o questionamento e as dúvidas, e as diferenças sejam celebradas de forma respeitosa.

Na categoria *sobre a questão pedagógica*, verificamos que as professoras utilizam algumas estratégias visuais, o que favorece a aprendizagem dos surdos. Porém, essas estratégias precisam ser melhoradas de modo a fomentar o protagonismo dos/as estudantes surdos/as. Para isso, precisam ser pensadas com base na cultura surda, através das interações em língua de sinais, da construção de recursos visuais contextualizados com os conteúdos a serem estudados e do planejamento e a interação do/a professor/a com o intérprete de Libras. Sobre isso Barboza e Dorziat (2019, p. 450) abordam:

As estratégias de ensino precisam contemplar um leque de possibilidades que atinjam as mais diferentes habilidades e competências presentes na sala de aula. Esse olhar sobre as diferenças, no entanto, requer um abalo em antigas visões de ensino e a apropriação de nova base teórica que dê aos elementos pedagógicos utilizados outra dimensão: de que todos, entre eles os/as estudantes surdos/as, podem aprender, basta que o conhecimento tenha sentido.

Nessa direção, as estratégias de ensino utilizadas pelas professoras precisam superar as visões padronizadas de ensino. Conforme mostram os dados, uma das professoras entrevistadas utilizava estratégias de ensino com foco nas pessoas ouvintes, não existindo uma especificidade no trabalho pedagógico com estudantes surdos/as. Ao desconsiderar os artefatos culturais intrínsecos aos conhecimentos, a professora perdia a oportunidade de trabalhar-lo de forma viva e dinâmica.

### **Comparando as percepções do estudante surdo e da estudante surda com as das suas professoras**

Confrontando as percepções do estudante surdo e da estudante surda com as de suas professoras, encontramos divergências e impasses, sobretudo relacionados à comunicação em sala de aula. Uma das divergências se dá na fala de Priscilla, quando ela afirma que conversa com os estudantes surdos sobre

diversas temáticas, enquanto que Sávio e Sarah afirmam encontrar dificuldades na comunicação com as professoras. Este resultado corrobora o que apresentam as investigações empíricas analisadas no levantamento teórico, mais precisamente a pesquisa desenvolvida por Bisol et al. (2010). Elas apontam o desafio encontrado pelos estudantes surdos e surdas que estudam em uma instituição de ensino superior direcionada à comunidade ouvinte, pois a Libras, o contato com estudantes surdos e surdas e a valorização de sua cultura não são considerados como deveria. Os desafios especificamente mencionados são: “o primeiro deles diz respeito à identidade surda: estar em um ambiente onde a surdez e a comunicação visual não são a regra exige muito desses jovens” (BISOL et al., 2010, p. 169).

Encontramos também convergências entre as percepções dos/as estudantes surdos/as com as de suas professoras, quando afirmam que não utilizam diretamente a Libras na relação com seus/suas estudantes surdos/as, mas essa relação se dá de forma indireta, com o auxílio do intérprete e, em algumas vezes, por gestos. Barboza e Dorziat (2019, p. 454) também fazem essa constatação: “a não utilização da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelo/as docentes e estudantes ouvintes deixa lacunas no processo educacional, pois a comunicação não acontece de forma plena”.

Diante do exposto, ficou visível que, nas categorias decorrentes da visão do participante e das participantes sobre o processo educacional de pessoas surdas, está presente de forma muito contundente as questões linguísticas. No entanto, para que as mudanças realmente aconteçam nessa área, é preciso que seja superada a visão de língua apenas como meio de comunicação. Se assim o fosse, o intérprete seria suficiente. Na verdade, a língua de sinais é relevante para que docentes desenvolvam ações pedagógicas engajadas às trajetórias de vida de seus alunos e suas alunas, a partir do conhecimento de suas formas visuais de perceber o mundo, pois, sem isso, o conhecimento pode se tornar sem sentido.

### **Considerações finais**

Os dados mostraram que parece haver um esforço das professoras em contemplar os estudantes surdos e surdas no processo educacional, mas elas parecem ter consciência sobre os limites de suas ações. Um exemplo desse esforço foi a disposição de uma professora em aprender Libras, demonstrando que conhece a importância de utilizar essa língua na sala de aula com os estudantes surdos e surdas.

No que se refere ao processo educacional de estudantes surdos e surdas em sala de aula, já encontramos indicativos de que é preciso se pensar em estratégias que considerem as diferenças, favorecendo, também, tais estudantes, em sua cultura e identidade, haja vista que, ao contemplar a visualidade das pessoas surdas está-se considerando o modo de a comunidade surda se organizar e apreender o mundo. Nessa direção, o uso da Libras cumpre uma importante função por ser o principal artefato cultural dessa comunidade, assim como é as outras línguas de modalidade oral, para as pessoas ouvintes. O maior desafio é o estabelecimento de uma relação mais próxima entre os vários sujeitos do processo educacional, para que os conhecimentos possam ser trabalhados a partir das diferentes leituras de mundo. Nesse sentido, a aprendizagem da Libras é de fundamental importância.

Comparando as percepções do estudante surdo e da estudante surda com as das professoras, percebemos que o aspecto linguístico se sobressai em todos os assuntos levantados pelos sujeitos, mostrando a necessidade de contemplá-lo de forma enfática no tocante à educação de surdos.

Diante do exposto, podemos dizer que a pesquisa apontou indícios de como dois sujeitos da ação educativa - estudantes surdos/as e professoras - percebem o processo educacional dos/as estudantes surdos/as no curso de Licenciatura em Pedagogia. Um deles foi a imprescindibilidade do intérprete para que os/as estudantes surdos/as tenham acesso aos conhecimentos e às informações que circulam na sala de aula. Outro aspecto foi, mesmo com o intérprete, a ausência de uma proposta pedagógica que contemple os sujeitos nas suas singularidades identitárias e culturais, entre eles os surdos.

Por fim, mesmo entendendo a necessidade de mais estudos acerca da problemática que envolve as pessoas surdas no Ensino Superior, marcamos a importância de os processos educacionais mudarem suas concepções epistemológicas nos diferentes níveis de ensino. É necessária a superação de visões padronizadas de ser humano e, no caso das pessoas surdas, o estabelecimento de uma política de inclusão, que considere a relação indissociável entre língua e cultura, e de formação de professores, que discuta a inclusão como fenômeno que envolve todo sistema educacional.

## Referências

- BARBOZA, P.; DORZIAT, A. Apontamentos sobre o processo educacional de estudantes surdos universitários: o que narram docentes? **Revista Cocar**, Belém, v. 13, n. 25, p. 437-457, jan-abr, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/2168> / Acesso em: 10 out. 2019.
- BISOL, C. A. et. al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Caderno de pesquisa**, São Paulo. v. 40, nº 139, p. 147-172, jan-abr. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v40n139/v40n139a08.pdf> / Acesso em: 03 out.2019.
- BRASIL. Lei 10.436. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 02 out. 2019.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CORAZZA, S. M. Labirintos da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, M. V. (Org.). **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007. p. 105-131.
- COSTA, M. V. Estudos Culturais e Educação – Um panorama. In: SILVEIRA, R.M. H. (Org.). **Cultura, poder e educação: um debate sobre estudos culturais da educação**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2011. p. 107-120.
- DAROQUE, S. C. **Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária**. 92 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo-SP. 2011.
- DAROQUE, S. C.; PADILHA, A. M. L. Alunos surdos no ensino superior: uma discussão necessária. **Revista Comunicações**, Piracicaba, n.2, p. 23-32, jul-dez. 2012. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/article/view/1534> / Acesso em: 07 out. 2019.
- DORZIAT, A.; LIMA, N. M; ARAÚJO, J. R. A Inclusão de Surdos na perspectiva dos Estudos Culturais. **Revista Espaço**. Rio de Janeiro, n. 28, p. 16-27, 2007.
- DORZIAT, A. Políticas e práticas pedagógicas inclusivas na perspectiva do currículo para as diferenças. In: PEREIRA, M.Z.C et al. (Org). **Diferença nas políticas de currículo**. João Pessoa: UFPB, 2010. p. 117-129.
- DORZIAT, A.; ARAÚJO, J. R.; SOARES, F. P. O direito dos surdos à educação: Que educação é essa? In: DORZIAT, A. (Org.). **Estudos Surdos: diferentes olhares**. Porto Alegre: Mediação, 2011. p. 19-60.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

- HALL, S. Cultural Studies and its theoretical legacies. In: GROSSER, L. et. al. **Cultural Studies**. London: Routledge, 1992.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- LAMBERG, D. T.; OLIVEIRA, G. T. S. Mulheres surdas e a violência de gênero. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 2017, Florianópolis, *Anais...* Florianópolis, Dype, 2017, p. 1-10.
- LOPES, A. C.; MACEDO, E. **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTINS, C. R. A mulher surda na comunidade de surdos. **Revista de Educação, ciência e cultura**, Canoas, v. 13, n. 2, p. 41-49, jul-dez, 2008. Disponível em: [https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs\\_online/artigos/revista\\_la\\_salle/2008\\_v13\\_n2/crmartins.pdf](https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/artigos/revista_la_salle/2008_v13_n2/crmartins.pdf) / Acesso em: 11 jul.2020.
- MIRANDA, V. M. Surdez com recorte racial: estado da arte no Brasil de 2012-2017. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v.32, p. 1-12, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28229> / Acesso em: 11 jul.2020.
- PEREIRA, A. S. S; PEREIRA, R. O. Surdo-negro soteropolitano: uma pesquisa exploratória sobre a sua percepção de opressão e exclusão. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, v. 2, n. 29, p. 139-148, jul-dez, 2013. Disponível em: <https://www.revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/292> Acesso em: 11 jul.2020.
- PERLIN, G. Identidades surdas. In: Skliar, C. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016, p. 51-73.
- SÁ, N. L. Existe uma cultura surda? In: SÁ, N. L. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 311-322.
- SANTANA, A. P. A inclusão do surdo no ensino superior no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v.16, n.1, p. 85-88, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/1471-3802.12128/> Acesso em: 11 jul.2020.
- SANTANA, A. P; BERGAMO, A. Cultura e Identidades Surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91 p. 565-582, maio-ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf> / Acesso em: 09 out.2019.
- SILVA, P. B. **Ensino superior para surdos: o processo educacional na ótica dos estudos culturais**. 134 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB. 2018.
- SKLIAR, C. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.
- STROBEL, K. A. As imagens do outro sobre a cultura surda. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2016.
- SOUZA, V. A; SOUZA, V. A. As contribuições dos Estudos Culturais nos Estudos Surdos e as implicações para repensar a educação das pessoas surdas. In: V SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL E VI ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSÃO ESCOLAR. 5.ed, 2012, Uberlândia – MG. *Anais...* Uberlândia, CEPAE, 2012. p. 1-11.
- ZILLOTTO, D. M; SOUZA, D. J; ANDRADE, F. I. Quando a inclusão não se efetiva: a evasão de alunos surdos ou com deficiência auditiva no ensino superior. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 62, p. 727-740, jul-set, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/28482/> Acesso em: 11 jul. 2020.